

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

ELTON DA SILVA MOTA

O EPICURISMO E A MORAL CRISTÃ

ANÁPOLIS
2013

Mota, Elton da Silva

O epicurismo e a moral cristã / Elton da Silva Mota. Anápolis:
Biblioteca da Faculdade Católica de Anápolis, 2014.

21 p.

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em
Filosofia – Faculdade Católica de Anápolis, 2014.

ELTON DA SILVA MOTA

O EPICURISMO E A MORAL CRISTÃ

Artigo Científico apresentado ao curso de Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do diploma de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa.

ANÁPOLIS
2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELTON DA SILVA MOTA

O epicurismo e a moral cristã.

Trabalho de Conclusão para a obtenção de diploma de graduação no curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis.

BANCA EXAMINADORA

1. Prof. Me. Pe. João Batista de A. Prado Ferraz Costa _____
2. Profa. Me. Marisa Roveda Alves _____
3. Profa. Esp. Goiany Arruda de Oliveira _____

SUMÁRIO

RESUMO	06
INTRODUÇÃO	06
VIDA, OBRA E LEGADO DE EPICURO	07
A FÍSICA DE EPICURO	10
O PRAZER, A FELICIDADE E A PRUDENCIA EM EPICURO	11
O PENSAMENTO CRISTÃO EM RELAÇÃO ÀS VIRTUDES	15
A PRUDENCIA DE EPICURO E A PRUDENCIA CRISTÃ	18
CONCLUSÃO	19
ABSTRACT	20
REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA	21

O EPICURISMO E A MORAL CRISTÃ

Elton da Silva Mota

RESUMO

Epicuro no desenvolver de seu pensamento defende com grande ardor a idéia de que o prazer é o princípio e o fim da vida feliz. Porém, diferente de seus antecessores – os cirenaicos – o filósofo afirma que há necessidade de moderação dos prazeres em vista da ausência de dor física (aponia) e em busca de paz de espírito, o que ele denomina *ataraxia*, o que por fim seria um prazer superior ao prazer carnal. Levando em consideração a concepção de Epicuro em relação ao prazer, observamos, com a leitura de sua obra (Carta a Meneceu), grande valor que o mesmo dá à virtude da prudência, virtude esta altamente valorizada pelo pensamento cristão. Partindo deste pressuposto de possível conciliação entre o pensamento de Epicuro e a moral cristã, será desenvolvido no presente trabalho uma análise entre ambas as linhas de pensamento, em especial, quanto a virtude da prudência.

Palavras Chave: Epicuro, Moral cristã, Virtudes, prudência.

INTRODUÇÃO

Hedonismo é um “termo que indica tanto a procura indiscriminada do prazer, quanto à doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível, portanto como o fundamento de vida moral (ABBAGNANO, 2007, p. 497)”. Epicuro, como um dos pensadores adeptos ao hedonismo, defendia a ideia da constante busca do prazer, porém um prazer que alimentasse não só o corpo, mas principalmente a alma. Desfrutar de boa saúde, bons amigos, ter respeito para com os outros e para consigo mesmo, saber que prazer procurar, o quanto gozar do mesmo e saber a hora de renunciar a determinados prazeres, visando assim benefícios advindos de tal renúncia. Foi com esta perspectiva que Epicuro afirmou que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Pode-se constatar isto em sua carta “Sobre a Felicidade”. Com a leitura de tal obra observa-se em algumas determinadas colocações que Epicuro não defendia um prazer desmedido, pelo contrário, um prazer que não causasse desagrado, além de outras colocações em que fica clara a consideração de Epicuro para com a prudência e outras virtudes

humanas, negando hipóteses que venham a colocá-lo como um hedonista que busca o prazer indiscriminado.

Segundo Reale (1990) Aristipo de Cirene é considerado o instituidor do hedonismo filosófico, para este filósofo, o prazer, independentemente de sua origem, possui sempre a mesma qualidade e o único caminho para a felicidade é a busca do prazer e a diminuição da dor. Afirma também que o prazer corpóreo é o próprio sentido da vida.

Cumpra observar que há diferenças entre o pensamento de Epicuro e dos cirenaicos, uma vez que Epicuro afirma a necessidade de prazeres moderados enquanto os cirenaicos aprovavam qualquer prazer, independente de seus resultados posteriores.

Tendo em vista o caráter singular do pensamento hedonista de Epicuro – a negação de determinados prazeres para evitar possíveis desagradados, a consideração pela prudência, e a aprovação de prazeres moderados – observa-se um pensamento moral que poderia ser assimilado por algumas determinadas correntes filosóficas, e talvez, até mesmo o pensamento cristão.

Esclarecer a indagação da possibilidade de conciliação entre epicurismo e cristianismo verificando os pontos de compatibilidade e incompatibilidade é o intuito do presente trabalho, por serem pensamentos distintos, e em muitos pontos extremamente antagônicos torna-se interessante analisar em que medida pode haver algo em comum entre ambas as linhas de pensamento, levando em consideração principalmente a virtude da prudência.

Será apresentado primeiro o pensamento de Epicuro, sua vida, obra e as conseqüências de seu pensamento em relação a pensadores posteriores. Em seguida serão apresentados alguns aspectos da religião cristã, principalmente quanto às virtudes, em especial, a prudência. No fim será mostrado ambos os posicionamentos, e os pontos nos quais ambas as linhas de pensamentos são compatíveis e aqueles em que são incompatíveis.

VIDA, OBRA E LEGADO DE EPICURO

De acordo com Gomes (2003), Epicuro nasceu por volta de 341 a.C. em Samos, e veio a falecer em Atenas no ano 270 a.C. Segundo a mesma fonte Epicuro tinha grande interesse por temas relativos ao homem, suas qualidades e mazelas, e

também quanto a inutilidade de pedir ou confiar algo aos deuses. Em Atenas conheceu grandes pensadores e nela também comprou uma casa com jardim, neste local se reuniam pessoas que admiravam a filosofia e estilo de vida de Epicuro. Sendo um homem moderado, Epicuro não participou da vida política, se contentava com o necessário para viver. Em sua vida escreveu cerca de trezentos volumes. De todas suas obras nos sobraram apenas três cartas uma à Heródoto sobre física, a Pítocles sobre a meteorologia e astronomia, e a terceira à Meneceu tratando das concepções sobre a vida humana.

O ideal disseminado no Jardim resumiu-se no juízo de que: a realidade é penetrável e cognoscível pela inteligência do homem; nas dimensões do real existe espaço para a felicidade do homem; a felicidade é falta de dor e perturbação; para atingir a felicidade e a paz, o homem só precisa de si mesmo; não lhe servem absolutamente a cidade, as instituições, a nobreza, as riquezas, todas as coisas e nem mesmo os deuses; o homem é perfeitamente “autárquico”, ou seja, o homem pode se encontrar plenamente satisfeito independente dos fatores externos a ele (REALE, 1990).

O epicurismo, principalmente após a morte de seu instituidor, adquiriu um caráter quase religioso, e influenciou extraordinariamente a Grécia e o mundo romano, até o século IV.

Epicuro escreveu muitos tratados, suas obras ocuparam mais de trezentos rolos de papiro. Diógenes Laércio, ao registrar este feito, afirma que superou aos demais filósofos na extensão de seus escritos. De toda esta vasta literatura somente três cartas, com caráter de resumos parciais, e muitas sentenças escolhidas nos há transmitido a tradição (parte de alguns fragmentos recobrados de papiros queimados por Herculano). Os restos de seus textos desapareceram provavelmente antes do século IV d.C. e hoje conhecemos a filosofia de Epicuro graças ao estudo e a árdua reconstrução da doutrina a partir dos testemunhos diretos e das informações transmitidas de outros escritores (GUAL, 1996, p. 230, minha tradução)¹.

De acordo com Gual (1996) houve grande perda das obras de Epicuro, pois com o passar do tempo muitos pensadores antagonistas censuraram

¹ Epicuro escribió multitud de tratados; sus obras llegaban al medio centenar y ocupaban más de trescientos rollos de papiro. Diógenes Laercio, al consignar este hecho, afirma que superó a los demás filósofos en la extensión de sus escritos. De toda esa vasta literatura tan solo tres cartas, con carácter de parciales brevíarios, y un puñado de sentencias escogidas nos ha transmitido la tradición. El resto de sus textos desapareció, probablemente antes del siglo IV d.C.; Y hoy conocemos la filosofía de Epicuro gracias al estudio y la árdua reconstrucción de la doctrina a partir de los testimonios directos exiguos y de las noticias, más o menos extensas, de otros escritores.

implacavelmente suas obras filosóficas. Segundo a mesma fonte durante o fim da antiguidade e toda a Idade Média o epicurismo se encontrou afastado dos meios intelectuais e censurado de acordo com a mentalidade da época, e só com o advento do Renascimento, ainda sim, sem muita força, o pensamento de Epicuro voltou a ser conhecido e considerado graças a breves fragmentos de sua obra e a determinados escritores que buscaram conservá-la, dentre eles, Lucrécio, Filodemo, Diógenes de Enoanda e Diógenes Laércio.

Com o fim da Idade média e o advento de novas correntes culturais e ideológicas Epicuro volta à tona, assim como outros vários pensadores da filosofia clássica, e o pensador que concentrou mais energia e dedicação ao estudo e divulgação da obra de Epicuro neste período foi Pierre Gassendi (ABBAGNANO, 1994).

De acordo com Abbagnano (1994) este filósofo nasceu em Paris no ano de 1592, tempo de grandes mudanças na Europa, foi sacerdote e cônego, e adotou uma atitude crítica e cética quanto às principais tendências de sua época, inclusive o pensamento aristotélico que andava lado a lado com os grandes Doutores da Igreja. Escreveu um livro chamado Ejercitaciones paradójicas contra Aristóteles, ao mesmo tempo se mostrava cada vez mais interessado na filosofia de Epicuro, e com tal influencia escreveu as obras: De Vita et Moribus Epicuri (1647), Las Animadversiones in Decimum Librum Diogenis Laertii (1649), o Syntagma Philosophiae Epicuri (1649) e um extenso Syntagma Philosophicum que foi publicado após sua morte (ABBAGNANO, 1994).

Gassendi em sua vida buscou conciliar o pensamento de Epicuro com a religião cristã, mas ao tentar isto fracassou pelas incompatibilidades próprias de cada linha de pensamento.

Epicuro considerava os átomos como incriáveis e incorruptíveis; Gassendi os considera assim somente quanto às forças naturais, mas afirma que foram criados por Deus e podem também serem aniquilados por ele. Epicuro sustenta que o movimento é inerente aos átomos e, portanto, eterno, Gassendi afirma que o movimento e a força, que é causa do mesmo, procedem de Deus. Epicuro afirmava que a ordem do mundo é uma ordem mecânica, devido ao movimento dos átomos e a suas ações causais; Gassendi assevera que é uma ordem finalista, da vontade de Deus e governada por sua providencia. Epicuro afirmava que a alma esta composta por átomos e, por assim, é corpórea e mortal; Gassendi admite, ademais da alma vegetativa e sensível que é corporal, uma alma inteligente que é uma substancia imortal e incorpórea, para a qual as imagens sensíveis são só ocasiões para elevar-se a entender as coisas

que nada tem a ver com o mundo sensível. Epicuro havia separado a crença na divindade de toda consideração física; Gassendi considera possível chegar a conhecer a existência de Deus partindo da consideração do finalismo, baseado no princípio de que “toda ordem supõe um ordenador” (ABBAGNANO, 1994, pg. 213, minha tradução)².

Pode-se deduzir destas notas acima que a tentativa de Gassendi não poderia surtir bom resultado, na medida em que ele buscou não apenas conciliar Epicurismo e cristianismo, mas cristianizar Epicuro, Gassendi tentou algo paradoxal, conciliar o inconciliável, pois mesmo que no pensamento de Epicuro haja pontos em comum com o pensamento cristão, tal filosofia em sua maioria é incompatível, principalmente em razão da física e a concepção materialista da realidade de Epicuro.

A FÍSICA DE EPICURO

A física de Epicuro serve para fundamentar a ética. Ela funciona como uma visão geral da realidade. Tudo é formado por átomos indivisíveis e imutáveis, dotados da força necessária para manterem-se intactos.

Para Epicuro, segundo Mondin (1981), há dois elementos primordiais que são os átomos³ e o vazio. Os átomos variam em peso, forma e tamanho; movimentam-se no vazio e podem desviar-se da direção vertical, é deste desvio que as coisas se originam, sem este desvio (nomeado *clinamen*), nenhum átomo poderia encontrar-se com outro e dar origem a um primeiro conglomerado: cada átomo cairia eternamente ao lado do vizinho. De acordo com a mesma fonte, os seres mais importantes produzidos pelo movimento dos átomos são os Deuses e os homens,

² Epicuro consideraba lós átomos como ingenerables e incorruptibles; Gassendi lós considera así solo respecto a las fuerzas naturales pero afirma que han sido creados por Dios y pueden también ser aniquilados por el. Epicuro sostenía que el movimiento es inherente a lós átomos y, por ló tanto, eterno, Gassendi afirma que el movimiento y La fuerza que es La causa Del mismo proceden de Dios. Epicuro afirmaba que el orden Del mundo ES um orden mecânico, debido al movimiento de lós átomos y a sus acciones causales; Gassendi asevera que es um orden finalista querido por Dios y gobernado por su providencia. Epicuro afirmaba que el alma esta compuesta por átomos y, por ende, es corpórea y mortal; Gassendi admite, ademas Del alma vegetativa y sensible que es corporal, um alma inteligente que es uma sustância inmortal e incorpórea, para La cual las imágenes sensibles son solo “ocasiones” para elevarse a entender las cosas que nada tienen que ver com el mundo sensible. Epicuro había separado la creencia em la divinidad de toda consideración física; Gassendi considera posible llegar a conocer la existência de Dios partiendo de la consideración Del finalismo, basado em el principio de que “todo orden supone un ordenador.

³ Átomos para Epicuro, assim como para Demócrito (atomista pré-socrático) são partículas indivisíveis que constituem as coisas existentes no universo. “É um elemento corpóreo, invisível pela sua pequenez e não divisível (ABBAGNANO, 2007, p.92)”.

sendo estes primeiros constituídos de átomos sutis e redondos; habitam no que Epicuro nomeia *Intermundia*, que seriam espaços vazios entre os corpos celestes; passam as vidas felizes, sem se interessarem pelos homens; o homem é feito de átomos pesados (o corpo) e de átomos leves (a alma) ele morre quando os átomos leves se separam dos pesados.

O PRAZER, A FELICIDADE E A PRUDENCIA EM EPICURO

Se a realidade se restringe a um mundo material formado por átomos, segundo Epicuro, sendo assim a essência do homem também o é, e conseqüentemente o seu bem específico, aquele bem que, se realizado, torna o homem feliz. Pode-se concluir que o bem para Epicuro é o prazer.

Divergindo de seus antecessores, os Cirenaicos, Epicuro se volta para os prazeres da alma, e sustenta exatamente o oposto.⁴

Como fino indagador da realidade do homem que era, Epicuro havia compreendido perfeitamente que mais do que os gozos ou sofrimentos do corpo, que são circunscritos no tempo, contam as ressonâncias interiores e os movimentos da psique, que os acompanham e duram bem mais (REALE, 1990, p.246).

Para Epicuro o prazer se encontra na ausência de dor no corpo (aponía) e de perturbação na alma (ataraxia). A regra da vida moral não é o prazer em si, mas a razão que discrimina entre os prazeres e escolhe aqueles que não trazem consigo dor e perturbação, descartando prazeres imediatos que causam dores no físico e perturbações na alma.

Para garantir o atingimento da “aponia” e da “ataraxia”, Epicuro distinguiu: 1) prazeres naturais e necessários; 2) prazeres naturais mas não necessários; 3) prazeres não naturais e não necessários. Estabeleceu depois que atingimos o objetivo desejado satisfazendo sempre o primeiro tipo de prazeres, limitando-nos em relação ao segundo tipo e fugindo do terceiro (REALE, 1990, p.247).

Em relação aos prazeres do primeiro grupo, naturais e necessários, estão eles ligados à conservação da vida como: comer, beber e repousar. De acordo com

⁴ Seus antecessores, os Cirenaicos, segundo Reale (1990) partilhavam de um hedonismo radical, eles acreditavam que a felicidade estava no prazer colhido e desfrutado no momento, o prazer físico, no caso é superior ao psíquico, e, ao contrário de Epicuro, não reconheciam a ausência de dor como prazer.

os segundos prazeres, naturais mas não necessários, estão variações dos prazeres naturais e necessários (do primeiro grupo) que seriam, por exemplo: comer pratos refinados e bebidas de boa qualidade. Os prazeres do terceiro grupo, não naturais e não necessários, estariam prazeres desnecessários, segundo Epicuro, surgidos da opinião dos homens, que seriam a busca de se obter riquezas, honrarias, etc (REALE, 1990).

Os prazeres do primeiro grupo são sempre satisfeitos (quando possível), pois são necessários para eliminar dores eminentes ao ser humano, obtida a eliminação da dor, supridas as necessidades naturais, o prazer não se desenvolve. Os prazeres do segundo grupo são de grau superior, mas podem, se mal usados, causar danos. Os do terceiro grupo não satisfazem prazeres corpóreos necessários, e causam em todos os casos perturbações na alma.

Se o indivíduo se restringir a buscar suprir somente os prazeres do primeiro grupo, ele viverá feliz, pois não necessitará de ninguém mais para que seja feliz, sendo autárquico⁵, não precisará de aplausos nem de honrarias:

Há de considerar que alguns desejos são naturais, outros são fúteis; alguns dos naturais são necessários, outros simplesmente naturais; dos necessários alguns são para alcançar a felicidade, outros para o bem estar do corpo, outros para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz, em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e da aflição.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir (EPICURO, 2007, p.11, minha tradução)⁶.

⁵ Autarquia tem como significado: a condição de auto-suficiência do sábio. (ABBAGNANO, 2007, pg.95). Porém este termo tem significados diferentes de acordo com o campo do conhecimento no qual o termo é aplicado. Em economia segundo o site "significados.com" é aquela organização que visa sua independência financeira. Aquela que sobrevive apenas com suas próprias atividades, que não precisa de nenhum apoio externo. Na filosofia, de acordo com a mesma fonte, é ter o poder sobre si mesmo, onde o indivíduo tem noção sobre suas características e qualidades, não precisa dos valores universais para guiar sua vida. É um princípio fundamental para se alcançar a felicidade. A autarquia está relacionada com a capacidade de evitar tudo que possa causar dependência física ou mental.

⁶ Hay que considerar que algunos deseos son naturales, otros son vanos; algunos de los naturales son necesarios, otros sencillamente naturales; de los necesarios unos lo son para lograr la felicidad, otros lo son para el bienestar del cuerpo, otros para la propia vida. Un conocimiento seguro de estos deseos es suficiente para conducir cualquier elección o rechazo hacia la salud Del cuerpo y la serenidad Del alma, pues es este el fin de una vida feliz. Asimismo el motivo de todo cuanto hacemos es no sentir dolor ni encontrarnos afligidos. En cuanto lo alcanzamos, aunque sea una sola vez, cesan las tormentas del alma, y un ser vivo no tiene ya que deambular como si se encontrara

Quanto à solução para as dores do corpo e a perturbação, Epicuro afirma que as dores enquanto suportáveis, não são necessárias para o ofuscamento da felicidade da alma, se não são suportáveis levam à morte que seria um estado de privação dos prazeres, e não haveria razões para temê-la:

Habitua-te à idéia de que a morte para nós não é nada, já que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É uma loucura afirmar ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males (a morte), não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da existência. O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; não se opõe a vida nem considera que seja um mal não estar vivo. (EPICURO, 2007, p. 9, minha tradução)⁷.

Quanto às perturbações da alma, são opiniões exteriores e erros da própria mente do indivíduo que podem a qualquer momento ser revertidos caso este se abstenha de alimentar demasiadamente os prazeres do segundo e terceiro grupo.

Pode-se observar que o hedonismo proposto por Epicuro é moderado e regrado para que obtenha os prazeres da alma. Em contrapartida aos cirenaicos que

necesitado de algo o como si buscasse alguna outra cosa com la que colmar de bienes su alma y su cuerpo. Tenemos, por tanto, necesidad de placer cuando su ausencia nos provoca dolor; pero em cuanto sentimos dolor, ya no hay necesidad de placer.

⁷ Habitúate a considerar que la muerte no supone nada para nosotros, ya que todo bien y todo mal provienen de la sensación y la muerte, en cambio, es la privación de sensación. Por ello, el recto conocimiento de que la muerte no supone nada para nosotros convierte nuestra condición mortal en un motivo de gozo, y no porque ello nos vaya a deparar un tiempo infinito, sino por que erradica el anhelo de inmortalidad. La vida no puede albergar nada terrible si uno ha comprendido en profundidad que no hay nada terrible en el hecho de no estar vivo. Es una necedad afirmar que se teme a la muerte no porque le vaya a causar sufrimiento a uno cuando se presente, sino porque le causa sufrimiento el hecho de esperarla. Lo que no perturba cuando se presenta, no puede sino generar una vana aflicción cuando se espera. Así pues, el mal que más nos hace estremecernos no supone nada para nosotros, ya que ciertamente mientras somos, la muerte no está presente; y cuando la muerte se presenta, entonces nosotros no estamos. No afecta, por tanto, ni a los que viven ni a los que han muerto, pues para unos aún no es y los otros ya no son. En cambio, la mayoría de la gente se debate entre huir de la muerte como del mayor de los males o aceptarla como el descanso de los males de la existencia. El sabio, sin embargo, ni rechaza estar vivo, ni teme no estarlo. No se opone a la vida ni considera que sea un mal no estar vivo.

afirmavam que todo tipo de prazer é lícito, Epicuro repreende determinados prazeres, se o bem que advier de tal abstinência for maior:

Dado que este (o prazer) seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles advêm aflições ainda maiores; Acreditamos que há muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Todo prazer, portanto, constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem (EPICURO, 2007, p.11, minha tradução)⁸.

É evidente a importância atribuída por Epicuro à virtude da prudência na escolha dos prazeres, visando o fim a alcançar, e abrindo a possibilidade da abstinência do prazer como meio para alcançar tal fim:

Quando então dizemos que o prazer é o fim, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam aqueles que nos desconhecem, ou discordam de nós, ou mal entendem, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tomam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos.

O começo de tudo, o princípio e o bem supremo é a prudência; por esse motivo, mais apreciável que a filosofia é a prudência. Pois dela se originam todas as outras virtudes, que ensinam que não pode existir vida feliz sem que ela seja também sã, honesta e justa, e tampouco que ela seja também sã, honesta e justa sem ser feliz. As virtudes, portanto, são inerentes à vida feliz, e esta é inseparável das virtudes (EPICURO, 2007, p. 13, minha tradução)⁹.

⁸ Dado que es este el bien primero y connatural, no elegimos por tanto cualquier placer, sino que hay ocasiones en las que son muchos los que dejamos de lado, cuando consideramos que les acompaña una aflicción aún mayor. Creemos que hay dolores que son preferibles a los placeres, en caso de que, después de un largo tiempo soportando esos dolores, sobrevenga un placer aún mayor. Todo placer, por tanto, por el hecho de tener una naturaleza familiar, es un bien, aunque no todos sean aceptables. En cuanto a los dolores, son todos malos; pese a esto, no hay que estar siempre huyendo de ellos. Lo conveniente es juzgar todas estas cosas mediante el cálculo de los beneficios y la consideración de los perjuicios, puesto que en algunas ocasiones hacemos uso de un bien como si fuera un mal, y, a la inversa, de un mal como si fuera un bien.

⁹ Así pues, cuando decimos que el placer es el fin, no estamos hablando de los placeres de los viciosos ni de los que reporta una vida disipada, como piensan aquellos que o nos desconocen, o discrepan, o nos malentienden, sino al no sentir dolor en el cuerpo ni turbación en el alma. Pues ni banquetes ni fiestas sin fin, ni los placeres que dan los muchachos jóvenes o las mujeres, ni los

Pode-se observar que o pensamento de Epicuro tem um sentido oposto ao dos cirenaicos com os quais às vezes é confundido por partilhar o mesmo apreço pelo prazer, porém ambos partilham de concepções de prazer diferentes: enquanto os cirenaicos vangloriavam um prazer torpe e carnal, comum a todos os homens, Epicuro preza mais a ausência de dor e a paz de espírito que o prazer comumente conhecido. O mesmo pensador dá imenso valor à prudência colocando-a no topo das virtudes necessárias para que o homem alcance o estado de aponia e principalmente o de ataraxia, sendo tal virtude, um meio para que se alcance tal fim.

O PENSAMENTO CRISTÃO EM RELAÇÃO ÀS VIRTUDES

A moral no sentido comum do termo é conhecida como o conjunto de normas que norteiam o comportamento livre do homem em seu meio social. Estas normas são adquiridas pela educação, a tradição e o cotidiano. Todo ser humano tem consciência moral, o que faz com que discrimine o bem do mal no seu contexto social. Por fim, moral é “o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade”¹⁰.

A moral cristã, apesar de se basear na Bíblia, não exclui a razão e/ou a lei natural¹¹, mas aplica-a na obediência a Deus. A Ética Cristã é ensino, diretriz, enquanto os costumes comuns, em vários de seus aspectos, são variáveis de acordo com o tempo e a situação do meio.

pescados o cuantos alimentos se sirven em una mesa lujosa, proporcionan una vida placentera, sólo un razonamiento sobrio que busque las causas de toda elección y rechazo y que aleje las opiniones falsas, que son las que producen mayor aflicción a las almas.

El comienzo de todo esto y el mayor bien es la prudencia, por ello la prudencia es incluso más apreciable que la filosofía. Pues de ella surgen naturalmente todas las demás virtudes: enseña que no se puede vivir con placer si no se vive con cordura, honestidad y justicia; ni vivir con cordura, honestidad y justicia sin vivir con placer. Las virtudes, por tanto, son connaturales a una vida placentera y la vida placentera es inseparable de ellas.

¹⁰ Definição da palavra moral in significados.com.

¹¹ A lei natural no caso são as inclinações fundamentais da natureza humana que são absolutas, imutáveis e de validade universal para todos os tempos e lugares. A lei natural fornece um conjunto objetivo de normas éticas que guiam as ações humanas em qualquer tempo ou lugar (MURRAY N. ROTHBARD. *A Ética da Liberdade*).

Os “Dez mandamentos”, segundo a doutrina cristã, formam o primeiro tratado de ética, com a finalidade de regular o comportamento humano para que este cumpra seus deveres para com Deus, seus semelhantes e consigo mesmo. Observa-se que a moral cristã, independente das indagações filosóficas, tem como raízes as Sagradas Escrituras, sendo que a flexibilidade dos tratados morais se restringe aos escritos Bíblicos, não podendo contrariar a essência dos mesmos.

Quanto às virtudes na religião cristã, de acordo com o catecismo, se dividem em teologais (fé, esperança e caridade) que são aquelas referentes diretamente à relação da pessoa humana com Deus, e as virtudes cardeais, relacionadas à pessoa consigo mesma e com os demais.

As virtudes cardeais se dividem em quatro: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. E são virtudes propriamente humanas, que norteiam o comportamento humano ao bem.

As virtudes humanas são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Conferem facilidade, domínio e alegria para se levar uma vida moralmente boa. Homem virtuoso é aquele que livremente pratica o bem (Catecismo da igreja católica. Parágrafo. Nº 1804).

O homem é por natureza um ser moral, em razão disto consegue discernir o bem do mal, mas esta moral natural não é perfeita, precisa ser norteada ao seu fim último que é, além da boa vivência com as pessoas, a vida eterna, e isto só é possível com a vivência das virtudes teologais e das virtudes cardeais.

No presente trabalho é dado valor especial à virtude da prudência, pois de todas as virtudes é aquela que Epicuro dá verdadeira relevância em sua filosofia. Porém ainda sim, há diferenças entre ambos os pensamentos.

A prudência no cristianismo é a virtude cardinal que norteia todas as demais, sendo assim a de maior importância. É uma virtude que tem como sede o nosso intelecto. Sua função principal é contribuir para que o homem contemple a verdade e guie sua conduta. Sendo assim “a virtude da prudência é aquela luz do intelecto prático que nos permite julgar retamente sobre a bondade da nossa conduta” (FANZAGA, 2007, pg. 31). Tomás de Aquino afirma na Suma Teológica ser a prudência a regra certa da ação, diz ser a virtude mais necessária à vida humana, a moderadora das demais virtudes (Suma de Teologia II-II, q. 47).

A *prudência* é a virtude que dispõe a razão prática para discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e para escolher os justos meios de atingi-lo. A prudência é a reta norma da ação, escreve São Tomás seguindo Aristóteles. Não se confunde, nem com a timidez ou o medo, nem com a duplicidade ou dissimulação. É chamada "*auriga virtutum* – condutor das virtudes", porque guia as outras virtudes, indicando-lhes a regra e a medida. É a prudência que guia imediatamente o juízo da consciência. O homem prudente decide e ordena a sua conduta segundo este juízo. Graças a esta virtude, aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e ultrapassamos as dúvidas sobre o bem a fazer e o mal a evitar. (*Catecismo da Igreja católica. Parágrafo. Nº 1806*)

A prudência, como já dito, é a norteadora das ações humanas e das demais virtudes. Porém esta virtude sozinha, sem a fé, para o cristão, tem como única utilidade guiar os passos do homem no âmbito da lei moral natural, sendo sozinha incapaz de levar o homem a seu fim último. Logo, para o cristão, a prudência puramente humana não basta, para este existe outro tipo de prudência que advém da fé e da graça, que vai além dos horizontes da razão (FANZAGA, 2007).

A virtude da prudência no cristianismo - assim como as demais virtudes - é aperfeiçoada com os dons do Espírito Santo, segundo o parágrafo 1831 do catecismo da igreja católica, existem sete dons do espírito santo, que são: sabedoria, conselho, inteligência, força, ciência, piedade e temor de Deus. Estes dons Completam e levam a perfeição as virtudes daqueles que os recebem. Tornam os fiéis dóceis para obedecer prontamente às inspirações divinas.

. O homem avaliará sua vida, tendo em vista além das questões puramente humanas, as questões religiosas, sendo que estas últimas devem ser vistas acima das primeiras, este é o diferencial da prudência cristã para a prudência puramente humana, pois para o cristianismo o olho deve estar sempre fixo na finalidade sobrenatural, sem se desviar. "Todas as outras metas da vida estarão subordinadas à meta final que mesmo sendo a última a ser alcançada, deve ser sempre a primeira a se ter diante dos olhos" (FANZAGA, 2007, pg. 35).

A prudência no cristianismo é regida por leis, assim como toda a moral cristã, que tem como base as sagradas escrituras. Quando se fala de moral, as questões que nos aparecem são sobre o que se deve fazer o que é permitido e o que não é, quais são os limites, etc. (PINCKAERS, 1988). "Se há algum ponto sobre o qual parece que se há conseguido uma rara unanimidade entre os moralistas (cristãos) seguramente é sobre o papel decisivo e fundamental que desempenha o dever" (JANSSEN *apud* PINCKAERS, 1988, pg. 40, minha tradução). Tal ponto no cristianismo é essencial para o seguimento correto da doutrina, o cristianismo não vê

a prudência por um ângulo puramente aleatório, como algo espontâneo, a prudência é algo implícito do ser humano, porém na concepção cristã, esta para ser plena precisa estar de acordo com as leis divinas, deve ser regida pelo dever que cada pessoa tem para com Deus, consigo e para com seus irmãos, e como já exposto, contribuir para que o homem atinja seu fim último.

“Sendo que por natureza o homem queira ser feliz, por natureza este deve conhecer o que deseja” (Suma de Teologia I q.2, a.1, r.1). Para o cristianismo a felicidade está no próprio Deus, o qual o homem deve buscar conhecer e alcançar no decorrer de sua vida.

A suprema felicidade do homem consiste na mais sublime de suas operações que é a intelectual, se o entendimento criado não pode ver nunca a essência divina, ou nunca conseguirá a felicidade ou esta se encontra em algo que não é Deus. Isto é contrario a fé [...], há que admitir absolutamente que os felizes vêem a essência de Deus (Suma de Teologia I q.12, a.1 s.).

A felicidade no cristianismo é distinta do prazer, pois ela é fundamentada no fim do homem, que é a vida eterna na contemplação de Deus. Os prazeres terrenos devem ser ordenados, através das virtudes e da graça para tal fim, sendo estes prazeres em si um aspecto secundário na vida.

A PRUDENCIA DE EPICURO E A PRUDENCIA CRISTÃ

Epicuro afirma uma prudência voltada para a ordenação dos prazeres em vista da ausência de dor e da paz de espírito como já visto anteriormente. Sendo assim, a prudência na concepção do filósofo está voltada inteiramente para a vida terrena, pois o mesmo possui uma concepção materialista da realidade, excluindo a possibilidade de uma vida eterna após a morte, como é afirmado no cristianismo.

No cristianismo a prudência é mais completa no sentido de que há mais questões que implicam a mesma, até mesmo no conjunto de obras, além das Sagradas Escrituras.

Na questão 53 da parte II-II da suma teológica Aquino afirma que existem vícios opostos à prudência assim como há vícios opostos para as demais virtudes, no caso da prudência são citados muitos deles, sendo um destes, a negligência.

As virtudes cristãs estão correlacionadas, a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança andam lado a lado, uma necessita da outra para que seja possível o

homem alcançar seu fim último. Em razão disto Epicuro contrapõe-se à prudência por ser negligente para com os demais e não colocar como a finalidade de seus atos a questão sobrenatural acima da questão puramente humana, resumindo-a a uma concepção individualista. Faz o mesmo quanto à justiça, por se omitir com os deveres do estado, por não buscar de forma alguma contribuir para que não haja injustiça. A propósito da temperança, Epicuro falha, pois os prazeres devem ser moderados mas ainda sim podem ser indefinidos, contanto que não impossibilitem o homem de alcançar a aponia e a ataraxia, sendo possível o apreciar de várias formas de prazeres, sendo que muitos destes podem ir contra a moral cristã. Quanto à fortaleza Epicuro falha novamente em razão da negligência para com os problemas do estado, focando na própria felicidade sem se importar e/ou agir em relação às injustiças praticadas com os demais cidadãos, o que denota certa fraqueza.

Mesmo quanto à questão da prudência que é colocada a frente até da filosofia por Epicuro, não há verdadeira compatibilidade com a mesma virtude no cristianismo. O cristianismo tem em vista uma prudência ordenadora das demais virtudes que elevem o homem a seu fim último que é a vida eterna. No caso de Epicuro, a prudência é restringida a um viés puramente humano e individualista, visando à felicidade individual de cada um, logo, mesmo que para o filósofo a prudência venha a ordenar os prazeres para se obter a paz de consciência, esta mesma virtude se manifesta de forma incompleta se comparada à prudência cristã que está voltada tanto para a vida humana quanto para a vida sobrenatural.

CONCLUSÃO

A prudência em Epicuro está voltada para os atos humanos em prol dos prazeres naturais e necessários, para atingir a ausência de dor física e de perturbações da consciência, o que não é suficiente no cristianismo. Epicuro afirma a necessidade de uma prudência que ordene os prazeres e escolha os melhores e menos prejudiciais, porém esta, assim como a felicidade em si, é voltada para o indivíduo e sua própria felicidade.

Ambas as linhas de pensamento em questão (epicurismo e cristianismo) se distinguem no que se refere à prudência, pois no cristianismo a prudência deve ser voltada para o fim último do homem, mais do que ausência de dor e paz de espírito –

que para Epicuro seria como uma paz de consciência – o cristianismo quanto a sua concepção de prudência quer não só isto, mas uma virtude que norteie o homem para a vida eterna, e para que isto seja possível a prudência deve ser regida pela razão e pela fé, baseada nos paradigmas da própria religião cristã.

No entanto é mister observar que mesmo em doutrinas pagãs há algum aspecto que se identifique com o cristianismo. No caso do epicurismo, por mais que a prudência seja resumida à vida terrena e material, esta virtude consiste na organização dos prazeres e das ações em vista da paz de espírito, o que também é necessário no cristianismo. O que diferencia ambos os pensamentos em suma é o caráter propriamente religioso do cristianismo, que está envolto de normas, o que não existia para Epicuro, uma vez que o homem, a seu ver, deveria se desprender de normas e regras sociais, e conseqüentemente regras religiosas, tendo em vista alcançar a própria felicidade, sendo assim um ser autárquico.

ABSTRACT

Epicurus in the development of his thought defends with great ardor the idea that pleasure is the beginning and the end of happy life. However, unlike his predecessors- the Cyrenaics- the philosopher claims that there is a need for moderation of pleasures in view of the absence of physical pain (aponia) and in search of peace of mind, which he calls ataraxia, which eventually would be a pleasure superior to carnal pleasure. Taking into consideration the conception of Epicurus in relation to pleasure, we observe, by reading your work (Letter to Menoeceus), the great value that it gives to the virtue of prudence, virtue that is highly valued by Christian thinking. Under this assumption of possible conciliation between the thinking of Epicurus and the Christian morality, will be developed in the present work an analysis between the two lines of thought, especially as regards of prudence virtue.

Keywords: Epicuro, Christian morality, virtue, prudence.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

ABBAGNANO, Nicolás. *História de la filosofía, Volumen 2: La filosofía del Renacimiento La filosofía moderna de los siglos XVII y XVIII*. 4ª ed. Barcelona: HORA, S.A., 1994.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em <
http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap1_1699-1876_po.html>. Acesso em: 16 Out. 2013.

EPICURO, *Carta a Meneceu*. Tradução: Jorge Cano Cuenca. Madrid; Instituto de Estudios Clásicos Lucio Anneo Séneca, 2007.

FANZAGA, Livio. As virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza, temperança/ Livio Fanzaga; Tradução: José Joaquim Sobral – São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

GARCIA GUAL, Carlos. *Epicuro*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

GOMES, Táuria Oliveira. *A Ética de Epicuro: um Estudo da Carta a “Meneceu”* – in. ufsj, internet, disponível em <<http://www.ufsj.edu.br>>, 2003.

MONDIN, Battista. *Curso de filosofia: Os filósofos do Ocidente, vol. 1*. 3ª ed. São Paulo; EDIÇÕES PAULINAS, 1981.

MURRAY N. ROTHBARD. *A Ética da Liberdade* – in. Instituto Ludwig Von Mises Brasil. Disponível em <<http://www.mises.org.br/EbookChapter.aspx?id=7>>, acesso em: 20 Nov. 2013.

REALE, Giovanni; ANTISERE, Dário. *História da Filosofia: Do humanismo a Kant*. 3ª ed. São Paulo; PAULUS, 1990.

REALE, Giovanni; ANTISERE, Dário. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade média*. 3ª ed. São Paulo; PAULUS, 1990.

SERVAIS (TH.), PINCKAERS OP. *Las Fuentes de la Moral Cristiana: Su método, su contenido, su historia*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1988.

TOMAS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. 4ª ed. Traduzido por: José Martorell Capó; Madrid; Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.